

ALGUMAS CURIOSIDADES NOS ACERVOS BRASILEIROS DE GRAVURAS – EXEMPLARES ORIGINAIS E CÓPIAS

Coleção Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – RJ

Coleção Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP – SP

Coleção Fundação Cultural Ema Gordon Klabin – SP

Dr^a. Sandra Daige Antunes Corrêa Hitner

A pesquisa pericial elaborada durante vários anos nos três importantes acervos acima citados vem demonstrar algumas curiosidades e surpresas deste âmbito museológico.

A maior coleção de gravuras medievais do Brasil ainda pertence à Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, acervo famoso por reunir gravuras de várias escolas européias de arte, desde 1807, com a chegada da Família Real. Este tesouro herdado pelos brasileiros depois da partida da família de D. João VI, em 1821, existe somente em teoria. Na prática, as pouquíssimas gravuras que restaram deste acervo real têm apenas valor histórico, devido a sua destruição. As outras, ainda hoje atribuídas à realeza, foram colecionadas por um oficial chamado José de Oliveira Barbosa que as reuniu desde 1876. O acervo BN-RJ não possui nenhum exemplar autêntico.

A conservação dos exemplares muito antigos infelizmente não foi possível no Brasil de antigamente, e esta foi a razão da enorme mutilação, perda, ou troca de muitos exemplares que compunham parte do patrimônio dos brasileiros.

A palestra tomou como base de ilustração as gravuras alemãs de Albrecht Dürer e de seus copistas, uma vez que Dürer é o bastião da gravura renascentista e reconhecidamente o grande ídolo de pesquisas e desenvolvimento de técnicas deste tipo de arte até hoje.

Para ilustrar as curiosidades e surpresas da pesquisa pericial anunciadas no título, serão mostradas imagens originais (os acervos brasileiros citados não possuem nenhum exemplar “autêntico” das gravuras de Albrecht Dürer até o momento) e cópias, a fim de suscitar o sentido analítico e comparativo do público. A idéia de expor o confronto de imagens semelhantes de categorias diferentes é muito usada nos museus de todo mundo, provocando o olhar do observador, para que coteje sutilezas artísticas em seu mais alto grau de refinamento.

Antes, porém, serão evidenciadas algumas terminologias mais usadas para análise de gravuras:

- a) Autêntica – Como se sabe, a arte de gravar em metal, pela própria natureza do processo, é elaborada somente pelo próprio artista. A demarcação de cada linha na matriz depende da intensidade de pressão da mão exercida no traço. O artista elabora sua Idéia em uma matriz de metal. Testa um ou vários processos de impressão para que se cumpra o efeito da arte que se propôs a fazer. O papel usado nesta impressão também é de fabricação própria ou é especial, normalmente portando um selo de autenticidade que é a marca d'água. As marcas d'água ou filigranas são marcas que demonstram, de uma maneira mais ou menos precisa e pontual, qual é a idade da folha de papel e contribuem para nos remeter ao lugar onde o papel foi fabricado. Fornecem um registro exato da marca do papel.
- b) Original – um artista qualquer ou outra pessoa qualquer faz uma ou várias impressões a partir da matriz elaborada pelo dono da Idéia. Isto pode se dar em qualquer tempo, não importando se a matriz é nova ou reformada. Normalmente imprime em papel nobre portando marca d'água.
- c) Cópia – um artista de qualquer região, em qualquer tempo, elabora uma imagem de qualidade em uma matriz a partir de uma Idéia concebida por outro artista. Também imprime em papel nobre com marca d'água de qualquer região ou da sua respectiva.
- d) Contrafação – é cópia fraudulenta, uma vez que a imagem contrafeita denuncia a má qualidade na elaboração da Idéia original.
- e) Triagem – É a seqüência das impressões. A qualidade da seqüência depende se a matriz está íntegra, se está desgastada, muito ou pouco re-trabalhada.
- f) Impressões Fraudulentas - Papel com marca d'água contrafeita, ou seja, variação nos desenhos padronizados mais antigos, ou gravura impressa em papel sem marca d'água contrariando depoimentos de especialistas que atestam seu porte no papel.

Segue-se a apresentação das imagens:

1. Original com marca d'água / Original com leve suspeita de marca d'água

O original - A Traição de Cristo- da série da Pequena Paixão em buril está no acervo da BN – RJ (1888 primeiro registro). Porta marca d'água M.20¹ Coroa Alta (foto)

O original - A Traição de Cristo- do acervo do MASP foi adquirido recentemente (2002). As duas gravuras têm o mesmo tema, são dois exemplares originais, mas diferentes em suas espécies. A gravura da BN-RJ tem marca d'água visível, a do MASP, embora melhor conservada, não tem a marca d'água visível. Pode-se dizer que há um traço arredondado pequeno timbrado. Pela boa qualidade de impressão e boa conservação da peça, há suspeita de que se trate da marca d'água M²62 Cabeça de Boi (foto).

2. Original com marca d'água/ Cópia com marca d'água por artista não identificado

O original - A Virgem da Pêra – se encontra no acervo BN-RJ desde 1888. Porta marca d'água (Âncora com círculo, M³.171) .



¹ Meder, J. – Durer Katalog, Wien, 1932, Gilhofer & Ranschburg, Tafel IV, 20-25.

² *Id.* Tafel X, 62-66.

³ *Id.* Tafel XXIII, 169-176.

A cópia - A Virgem da Pêra – do acervo Fundação Klabin está assinada pelo artista IR, não identificado. A cópia é nobre: porta marca d'água: (grande coroa arredondada sobre um brasão, traço e letras PAP. O “A” no pé do traço). Esta marca d'água não é característica das encontradas nas estampas de Albrecht Dürer. Sua procedência é indefinida. Esta cópia foi adquirida pela Fundação Klabin no ano 2000. É estampa advinda de matriz retrabalhada. Escura e brilhante, possui os traços restaurados.

Conforme dossiê (04-97): a gravura foi submetida à restauração integral por Sophia Haberland e ateliê Época.

3. Original com marca d'água “variante” / Original sem marca d'água (?)

O original – A Penitência de São João Crisóstomo – está no acervo BN-RJ desde 1888. Possui marca d'água “variante” (M⁴.321 ou M.322 – “P Gótico”- padrão).

O original - A Penitência de São João Crisóstomo – do acervo da Fundação Klabin, foi recentemente adquirida (abril de 1997). A gravura da Fundação Klabin tem qualidade bem inferior à gravura da BN – RJ e não tem marca d'água. Joseph Meder⁵ pressupõe marca d'água em todas as impressões. Portanto, impressão sem a devida nobreza

(Cruzamento de traços prejudicados por borrões resultantes de matriz retrabalhada. Lateral do lado direito restaurada. Gravura com contraste prejudicado por lavagem. Conforme dossiê (11-04-97): gravura submetida a restauração integral (papel e emolduração) por Sophia Haberland e ateliê Época.

É de fundamental importância a atuação do historiador de arte atuando profissionalmente nos acervos dos museus brasileiros. Controlar o trabalho do restaurador e proporcionar qualidade aos exemplares restaurados depende de estudo e pesquisa neste campo. Daqui para frente, esta condição deverá se tornar cada vez mais uma exigência, pois, é

⁴ *Id. Tafel* XLVIII, 321-331.

⁵ *Id.*, N. 54 - Die Busse des Heiligen Chrysostomus, p. 90.

N.A.: Faz-se necessário esclarecer alguns procedimentos padrões para entendimento das referências de qualquer estudo das estampas de Albrecht Dürer: cada estampa tem um número, já definido no século XIX por Adam vom Bartsch (1866), e a qualidade da impressão e edição (o que inclui o tipo de marca d'água) é reconhecidamente entendida por meio de uma letra estabelecida no catálogo de Joseph Meder (1932).

absolutamente necessário um conhecimento verdadeiro dos profissionais da área, a fim de que gerenciem com critério as novas aquisições.

4. Original sem marca d'água (?)/ Cópia com marca d'água

O original – Adão e Eva – de Albrecht Dürer, do acervo da BN-RJ, em muito mal estado de conservação, não porta marca d'água, embora todas as alternativas de Meder⁶, para este tipo de impressão, pressuponham a presença da filigrana.

Impressão sem a devida nobreza.



A cópia - Adão e Eva- elaborada por IH Wierix⁷ é nobre: porta marca d'água (três meias-luas, uma dentro da outra, a maior delas não ultrapassando a 3.5 cm. Dentro delas, desenho indefinido). Esta marca d'água não é característica das encontradas nas estampas de Albrecht Dürer. Sua procedência é indefinida.

⁶ *Ib.*, N.1- *Adam und Eva*, p. 69.

⁷ A obra dos três irmãos Wierix oferece um duplo interesse: do ponto de vista histórico e artístico. Trabalharam infatigavelmente mais de meio século de 1562 a 1618. Eles não só gravaram obras dos mais renomados artistas como também criaram seus próprios trabalhos abordando todos os gêneros artísticos. Eles podem ser considerados como espelho das idéias mais evidentes nas províncias belgas no começo do século XVI. A origem e biografia dos irmãos Wierix ainda está para ser comprovada. A tradição diz serem eles nascidos na Holanda, em Amsterdã, mas esta não é definitiva, pois se apóia unicamente na datação de algumas peças importantes que foram gravadas ali.

5. Cópia com marca d'água

A cópia da gravura de Dürer– O Camponês e sua Mulher- do acervo da BN-RJ é do artista belga I.H. Wierix. O original de Dürer não existe nos acervos brasileiros consultados. A cópia foi examinada constatando-se sua nobreza, ou seja, porte de marca d'água no papel (foto).

Esta marca d'água não é característica das encontradas nas estampas de Albrecht Dürer. Sua procedência é indefinida.

O patrimônio artístico brasileiro advindo da Europa se encontra ainda por investigar (p.e., no que concerne ao acervo de gravuras, ainda há uma grande quantidade de peças de diferentes escolas de arte a serem submetidas à pesquisa pericial). E, graças às técnicas laboratoriais, que ajudam a identificar exemplares nobres, será possível a prosperidade dos acervos ainda em permanente transformação.

6. Original sem marca d'água / Cópia sem marca d'água

O original – A Família do Sátiro – do acervo BN-RJ, pode ser considerado como uma gravura original de Dürer embora mutilada e sem marca d'água.

A cópia- A Família do Sátiro- também do acervo BN-RJ, elaborada por A.E. Wierix, também não porta marca d'água. Não há nobreza em nenhum dos dois exemplares.

A idéia de demonstrar ao público certas curiosidades dos acervos brasileiros mais importantes, por meio destas peças, se deu a partir da lembrança de uma visita a uma exposição em um museu no exterior, onde o observador podia percorrer um corredor tendo na parede da esquerda os originais de Albrecht Dürer e, na parede da direita, seus copistas.

Bibliografia

Leipzig, 1866

Le Peintre graveur, Vol. VII, Les Vieux Maîtres Allemands, 2nd partie, A. Dürer, , Leipzig, chez J. A. Barth Libraire-Editeur, 1866 (por Adam von Bartsch).

Paris, 1907

Les Filigranes: dictionnaire historique des marques du papier dès leur apparition vers 1282 jusqu'en 1600... 4 vol., (por Charles Moïse Briquet), Paris, Alphonse Picard & Fills, 1907.

Viena, 1932 e 1971

Dürer - Katalog, ein Handbuch über Albrecht Dürer Stiche, Radierungen, Holzchnitte, deren Zustände, Ausgabe und Wasserzeichen, Wien, Verlag Gilhofer & Ranschburg, 1932, 1971 (por Joseph Meder).

Stuttgart, 1961, 1970, 1977 (livros editados)

Wasserzeichen KRONEN, Findbuch I, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer Stuttgart, 1961.

Wasserzeichen DIE TURM, Findbuch III, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, 1970.

Wasserzeichen BUCHSTABE P, Teil 1 bis 3, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, 1977.

Wasserzeichen ANKER, Findbuch VI, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, 1978.

Wasserzeichen BLATT. BLUME. BAUM, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, 1982.

Wasserzeichen DREIBERG, Teil 2, der Wasserzeichenkartei Piccard im Hauptstaatsarchiv Stuttgart, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, 1996.

(por Gerhard Piccard).